



Acta Scientiarum. Language and Culture

ISSN: 1983-4675

eduem@uem.br

Universidade Estadual de Maringá

Brasil

Barbosa, Adilson

Ambiguidades, deterioração e sentido da vida

Acta Scientiarum. Language and Culture, vol. 33, núm. 1, 2011, pp. 161-162

Universidade Estadual de Maringá

.jpg, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=307426647022>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Ambiguidades, deterioração e sentido da vida

CONY, Carlos Heitor. **A morte e a vida**. Rio de Janeiro: MemVavMem, 2007, 157 p.
ISBN: 9788576880530

Adilson Barbosa

Curso Prático de Idiomas/Espanhol, Universidade Regional Integrada, Rua Assis Brasil, 709, 98400-000, Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: adilsonlindo@yahoo.com.br

Pertencente a esta corrente contemporânea de escritores que trazem a seus romances aspectos da crônica, Carlos Heitor Cony, publica em 2007 o romance “A morte e a Vida”, que traz a tona um dos temas mais polêmicos da práxis médica da atualidade: a eutanásia. Cony além de romancista é também cronista e jornalista, o que influencia seu texto com relação à linguagem objetiva e clara. No cosmopolitismo de seus personagens, suas diferenças, as mais frugais dicotomias existenciais se cruzam no discurso do inconsciente. Nesse panorama, as distinções que definem o sujeito detentor de uma personalidade são pulverizadas por canais de comunicação instantânea.

A narrativa trata da história de uma enfermeira, Vilma, solteira e dedicada inteiramente a seu trabalho no Hospital São Damião, no Rio de Janeiro, dirigido pelo diretor Cândido, amigo de seu pai e seu ex-professor, local onde trabalham figuras como Dr. Caparelli. Entre os pacientes de Vilma, destaca-se Maria Emília, paciente em estado terminal por possuir um tumor cerebral. A paciente é casada com Edmundo, um homem de quase 50 anos, mas que possui um excelente porte atlético por passar maior parte do tempo dedicado ao esporte, pois não trabalha, vive de rendimentos da bolsa de valores. Edmundo não possui um bom relacionamento com sua sogra, Dona Olga, ocasionando atritos entre ambos, principalmente devido à idéia que ele possui de praticar a eutanásia na sua mulher, já que esta se encontra em estado terminal. Contrária a idéia, Dona Olga discute com Edmundo. Vilma apesar de tentar manter o completo profissionalismo, acaba se envolvendo amorosamente com Edmundo. Durante os encontros com Vilma, Edmundo sugere a Vilma que o apóie no seu intento de desligar os aparelhos e pouco a pouco ir diminuindo os medicamentos de sua esposa, com o objetivo de apressar sua inevitável morte e diminuir o sofrimento dela e de todos. Dona Olga, por ficar sabendo dos encontros de Edmundo e Vilma, tem a certeza de estar havendo a

formação de um complô para traçar a morte da filha, por isso vai falar com o diretor do hospital. Este com a finalidade de tirar qualquer suspeita que eventualmente pudesse cair sobre o hospital, no caso da morte de Maria Emília, e com o objetivo de separar Vilma de Edmundo, acaba, em acordo com o Secretário Estadual de Saúde do Rio de Janeiro, decidindo por promovê-la a Enfermeira - Chefe de outro hospital, afastando-a assim do contato com o caso. Dias depois da morte Maria Emília, ela ajuda na cesariana de uma mulher que quase perdeu o filho, o marido desta pede que ela nomeie a criança recém-nascida. Vilma aceita a sugestão e dá o nome de Maria Emília.

O romance possui três focos narrativos claramente definidos: um narrador que narra a totalidade e não participa diretamente da história e dois narradores-personagens que participam da história, descrevendo suas impressões mais particulares. A trama começa narrada pela própria paciente Maria Emília, já em estado de semi-consciência. Nos capítulos I, VI, XI, XVI e XXIII ela narra suas sensações e percepções do mundo. Através do pensamento e lembranças da personagem, vamos sabendo de dados que não são esclarecidos pelos demais narradores. Por tratar-se de pensamentos, a distribuição da narração não segue uma ordem lógica, porém é facilmente remontada pelo leitor, a partir das inferências da compreensão do contexto. A forma relaciona-se com o conteúdo, pois o texto que transcreve o pensamento da personagem é estruturado de maneira que não segue a estrutura normal da narrativa, mas sim se assemelhando à poesia.

Os capítulos II, X, XIX, XXII, XXV são narrados pela enfermeira, protagonista da história, que nos mostra o ponto de vista das profissionais de saúde. Vilma é uma típica enfermeira, centrada basicamente no trabalho, buscando incessantemente não misturar vida profissional com vida pessoal, tarefa nem sempre fácil de administrar. Ela nos apresenta um

panorama da vida difícil de quem trata de saúde, principalmente com pacientes terminais.

O predomínio da narração é feito por um narrador onisciente que narra a totalidade do romance. Vimos que os narradores nos são apresentados de forma independente, pois nenhum depende explicitamente um do outro.

Com relação à linguagem empregada no texto, ocorre o predomínio da linguagem culta padrão, porém esta é impregnada de termos médicos e de palavras vulgares num misto de tecnicismo médico e erotismo. De um lado mostra o cotidiano de médicos e enfermeiras e a constante batalha entre a vida e a morte, de um outro lado mostra que estes profissionais também tem uma vida particular como qualquer outra pessoa. A objetividade faz parte da linguagem do texto, pois Cony com maestria migra da crônica para o romance, lançando mão de recursos próprios do jornalismo, como a objetividade, porém somente evidenciada na linguagem, pois toda a trama é inteiramente subjetiva. As várias vozes que se manifestam no tecido ficcional vem a corroborar para a construção de uma cortina multifacetada de posicionamentos opostos. Cony deu abertura para um diálogo polêmico e polissêmico sobre a eutanásia. Esse diálogo já começa na escolha dos três narradores, portanto três pontos de vista, três ângulos, três versões do mesmo fato. Assim o escritor procura construir um texto comprometido com a

verossimilhança que mostra os seres humanos em situações-limites, nos quais nem sempre estamos preparados. Dependendo da situação como ela se apresenta nunca teremos certeza do passo a ser tomado.

Seguindo nessa análise, vemos que os personagens, longe de serem estereotipados e maniqueístas, apresentam-se ambíguos, de maneira que se identifiquem com o leitor que também é ambíguo. Essa ambiguidade consiste justamente nas contradições que permeiam o perfil do ser humano, consciente e inconscientemente.

O caráter sociológico da obra é ressaltado justamente na polêmica da prática da eutanásia. Cony com maestria trabalha com a questão, ouvindo todas as partes envolvidas: o paciente, na forma de seus pensamentos, os profissionais de saúde envolvidos e os parentes do paciente.

Enfim, “A morte e a Vida” mostra a deterioração das relações, também comprimidas pela conseqüente solidão dos personagens angustiados, pressionando por sua vez o leitor a se posicionar, a se definir quanto aos dramas e suas arestas. Com isso nos obriga a fazer uma reflexão quanto ao sentido da vida e a repensar certos tabus.

Received on May 23, 2009.

Accepted on April 30, 2010.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.